

MANDALAS: A MAGIA DO INCONSCIENTE QUE SE REVELA

MANDALAS: THE MAGIC OF THE UNCONSCIOUS THAT REVEALS

MANDALAS: LA MAGIA DEL INCONSCIENTE QUE REVELA

Adriana Rodrigues de Sousa Garcia¹

RESUMO

O referido artigo nasceu do trabalho de conclusão do curso de Arteterapia e apresenta um apanhado de toda a jornada do curso, salientando-se que este ocorreu parte presencial e parte on-line, decorrente do momento pandêmico entre os anos de 2020 e 2022. Uma vez que a proposta do TCC requerido pela faculdade era de um portfólio, percebe-se em seu corpo inúmeros registros fotográficos dos momentos marcantes. Na parte inicial do texto é apresentada a definição de Arteterapia, seguida da apresentação dos momentos de destaque de algumas disciplinas, bem como os aprendizados colhidos, com vista a mostrar ao leitor as vivências e atividades experimentadas. Na segunda parte do trabalho foi solicitado abordar um ponto do curso que foi mais marcante e, neste caso, escolhemos o estudo sobre Mandalas, o que justifica o título deste artigo. Para basear este estudo, foram feitas várias leituras e pesquisas em autores referenciados como Jung (1984), Nise da Silveira (1981), Magaldi (2019), Fioravanti(2007) e outros. O artigo finaliza com a nossa percepção sobre que caminhos tomar após formados novos Arteterapeutas.

Palavras-chave: Arteterapia. Mandalas. Inconsciente. Portfólio.

ABSTRACT

This article was born from the conclusion work of the Art Therapy course and presents an overview of the entire journey of the course, noting that it took place partly in person and partly online, due to the pandemic moment between the years 2020 and 2022. since the TCC proposal required by the college was a portfolio, one can see in her body numerous photographic records of the remarkable moments. In the initial part of the text, the definition of Art Therapy is presented, followed by the presentation of the highlights of some disciplines, as well as the lessons learned, in order to show the reader the experiences and activities experienced. In the second part of the work, it was asked to address a point of the course that was most striking and, in this case, we chose the study on Mandalas, which justifies the title of this article. To base this study, several readings and research were carried out in referenced authors such as Jung (1984), Nise da Silveira (1981), Magaldi (2019), Fioravanti (2007) and others. The article ends with our perception of which paths to take after training new Art Therapists.

Keywords: Art therapy. Mandalas. Unconscious. Portfolio.

RESUMEN

Este artículo nació del trabajo de conclusión del curso de Arteterapia y presenta una visión general de todo el recorrido del curso, señalando que se llevó a cabo en parte presencial y en parte en línea, debido al momento de la pandemia entre los años 2020 y 2022. desde la propuesta de TCC exigida por el colegio fue un portafolio, en su cuerpo se pueden ver numerosos registros fotográficos de los momentos destacados. En la parte inicial del texto, se presenta la definición de Arteterapia, seguida de la presentación de los aspectos más destacados de algunas disciplinas, así como las lecciones aprendidas, con el fin de mostrar al lector las experiencias y actividades vividas. En la segunda parte del trabajo se pedía abordar un punto del curso que resultaba más llamativo y, en este caso, se optó por el estudio sobre los Mandalas, que justifica el título de este artículo. Para fundamentar este estudio, se realizaron varias lecturas e investigaciones en autores referenciados como Jung (1984), Nise da Silveira (1981), Magaldi (2019), Fioravanti (2007) y otros. El artículo finaliza con nuestra percepción de qué caminos tomar después de formar nuevos Arteterapeutas.

Palabras Clave: Arteterapia. Mandalas. Inconsciente. Portafolio.

¹ Especialista em Arteterapia, Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia, pós-graduanda em Autismo e Psicomotricidade. Professora da Faculdade Plus e da Faculdade Vidal de Limoeiro (FAVILI). E-mail: adrianarsousa@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A conclusão de um curso sempre é algo motivador, ao final dele, normalmente, é apresentado à instituição e à sociedade nossa contribuição como pesquisadores que aprenderam e vivenciaram algo que merece ser compartilhado, através de um trabalho de conclusão de curso.

No caso do curso de Arteterapia da Faculdade Plus, o referido trabalho que aqui se apresenta, trata-se de um Portfólio. Um documento narrativo que se encarrega de mostrar a evolução dos alunos em seu percurso de vivências e trocas.

Para Rezende (2010) um portfólio é uma “estratégia pedagógica significativa de construção de conhecimento”, além de uma prática de avaliação que se dá no processo de formação e que se apropria de múltiplas linguagens, uma vez que nele nos expressamos através das palavras, mas também das imagens, requisito importante para o registro dos eventos e momentos promotores da aprendizagem no decorrer do curso.

Desta forma, para compreender o que será apresentado neste trabalho, é importante conhecer um pouco mais sobre a definição deste gênero textual, que conforme Hernández (1998 apud REZENDE, 2010) é conjunto de documentos diversos, como as anotações feitas no decorrer do curso, trabalhos, dentre outros tipos de registro que vão evidenciar o conhecimento construído.

O que virá a seguir se caracterizará pela apresentação de grande parte das experiências que foram vividas durante a jornada do curso e que podem ilustrar a minha trajetória de aprendizagem.

A escolha deste meio de avaliação é muito pertinente, uma vez que visa que possamos demonstrar, através de registros escritos, imagens visuais e outros tipos de materiais, as aprendizagens ocorridas dentro do processo do curso e não apenas um resultado final.

Este é, também, um recurso que atende muito bem à Arteterapia, quando refletimos que este método de avaliação, representa um elo entre educação e arte como nos explica Zanellato (2008) que a palavra portfólio se origina de “portafoglio” que quer dizer pasta onde se guardam folhas. E este termo origina-se de outras palavras em latim, o verbo “portare” (transporta) e o substantivo “foglio” (folha). Mas esta pasta pode não conter apenas papel, mas desenhos, fotos, textos tanto de autoria do aluno que está montando a pasta, como também de outros profissionais e ainda de colagens, relatórios, fichas de avaliação, trabalhos de pesquisa, recortes de jornais ou revistas, como materiais retirados da internet.

Como um dos requisitos solicitados pela instituição, neste trabalho apresentamos através do método narrativo, o percurso de aprendizagens do curso de Arteterapia, destacando momentos relevantes de algumas das disciplinas, e será guiado pelo objetivo geral de contribuir

com os estudos em Arteterapia partindo de uma análise sobre as mandalas, compartilhar do processo de aprendizagem, do caminhar no conhecimento em Arteterapia. E como objetivos específicos elencamos os objetivos de apresentar os caminhos percorridos no curso de Arteterapia; apresentar algumas referências às mandalas presentes na história da humanidade, além de também compartilhar conhecimentos sobre as Mandalas, adquiridos no curso e fora dele.

Tal trabalho não seria possível se não nos debruçássemos em obras de autores como Jung (1984), Nise da Silveira (1981), Magaldi (2019), Fioravanti(2007), dentre outros.

Ele foi dividido em cinco sessões e suas respectivas subseções, a primeira delas é a introdução na qual apresentamos nossas intenções com este trabalho, seguida do relato de nossas expectativas iniciais referentes ao curso, como éramos quando chegamos a este momento, o que pensávamos e o que objetivávamos. Também nesta sessão vamos apresentar o que foi mais marcante dentro de algumas das disciplinas cursadas, os conhecimentos e vivências acompanhados de vários registros fotográficos.

Depois vamos apresentar ao leitor o tema central deste portfólio, que nos foi proporcionado na disciplina de **Oficina de Mandalas Terapêuticas**, e que nos acompanha desde o início do curso, de diversas formas em diversas “aparições” muito pertinentes, mas que acabaram por nos deixar mais curiosos nos fazendo retornar a ele para aprofundar nossos estudos e apresentá-los aqui. Em seguida traremos um relato sobre o resultado que este curso selou em nossas vidas no tocante a que estratégias serão tomadas a partir de agora, que caminhos serão trilhados em relação à Arteterapia em nossa vida. Por fim, chegaremos às considerações finais na qual oferecemos a conclusão de todo este trabalho.

2 EXPECTATIVAS INICIAIS

Nessa seção iremos refletir sobre o curso de Arteterapia da Faculdade Plus e a Arteterapia em conceito e vivência

2.1 O curso de Arteterapia da Faculdade Plus

Primeiro é necessário dizer que a Plus nos conquista facilmente, logo de início cria-se uma ligação com a instituição, seja pelo atendimento desde a recepção à coordenação, seja no acolhimento sobre as nossas demandas. Assim a jornada nesta instituição inicia-se em 2016 com a oferta do curso de Pedagogia em regime especial.

Apesar da formação anterior em letras pela Universidade Estadual do Ceará- (UECE) e da pós-graduação em Psicopedagogia pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), a ainda existia uma necessidade de mais, algo faltava para agregar como Psicopedagoga e isto era conhecimento na área da Educação Infantil.

Uma vez concluído o curso e já conquistada pela instituição veio o pensamento sobre a continuação, que pós para agregar aos novos conhecimentos ou aprofundá-los? Inicialmente a Psicomotricidade foi a escolha, apesar de iniciar o curso, questões profissionais resultaram na tomada da decisão de trancar ou de mudar de curso. Na época, conversando com a coordenação, surgiu a sugestão de mudar para a Arteterapia que iria começar em breve e seria em horário compatível.

Este fato foi muito oportuno, pois a Arteterapia dialoga com a Terapia em vários aspectos, assim, a transferência ocorreu e nossa história segue seu rumo na jornada da Arteterapia aqui relatada a seguir.

O curso iniciou em 26 de julho de 2019 e, no momento em iniciar esta escrita (28 de março de 2021), atravessamos uma situação delicada, pois estamos em plena pandemia de COVID-19, declarada oficialmente em março de 2020. Este fato inimaginável afetou grandemente nosso curso.

As expectativas que tínhamos no início, de um curso rico em vivências e experiências estéticas e terapêuticas, se realizaram, mas também foram drasticamente reduzidas, pois tiveram que ser adequadas à realidade do isolamento social de aulas online e de experiências individuais, cada um no seu espaço.

O atual coordenador e idealizador do curso, Professor Cleison Rabelo, também deve ter sofrido muito, pois ele foi o grande inspirador da maioria de nós, quando entrava na sala (ainda em 2019) para nos falar algo ou para apresentar uma nova disciplina, deixava sempre transparecer o seu imenso amor, seu orgulho, por ter conseguido lançar esta nova turma a 2ª Turma de Especialização em Arteterapia, da Faculdade Plus.

Assim, fomos recebidos no primeiro dia do curso de maneira muito especial. Além do professor Cleison Rabelo, as professoras, na ocasião, Euda Barbosa e Adriana Leite prepararam uma aula de abertura recheada de experiências, sensações e acolhimento como podemos perceber nas fotos abaixo:



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 1 e 2- Fotos do primeiro dia de aula

As mandalas, com certeza, deixaram sua marca, pois como será abordado posteriormente, a decisão em abordar este tema, tem relação com as fotos abaixo:



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 3 e 4- Fotos do primeiro dia de aula

Após mais de seis meses de curso, várias experiências, cada uma delas especial e rica, tivemos o anúncio de um fechamento global de todos os espaços educativos, profissionais e sociais e isto abalou muito, a todos.

Alguns alunos desistiram do curso, outros trancaram, porém não haveria como seguir em frente sem se adaptar e foi isto que fizemos, ou pelo menos algumas pessoas. Apesar de não ter certeza dos números, de uma turma que iniciou com vinte e poucos matriculados, hoje somos menos de dez alunos concluindo o curso no prazo estipulado no início da jornada.

Embora sem saber quando isto iria passar nós persistimos, umas fortalecendo as outras, celebrando cada vez que alguém chegava na aula online (vide as fotos abaixo), conversando nos bastidores, tirando as dúvidas umas com as outras.



Fonte: arquivos da autora

FIGURA 5 - Registro das aulas on-line



Fonte: arquivo da autora



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 6 e 7- Registro das aulas on-line

Sim, havia muita esperança em nós que tudo passasse e que voltássemos aos encontros presenciais, mas não podemos julgar quem não continuou. “Cada um compõe a sua história” como diz Almir Sater, em sua música, “Tocando em Frente”.

O curso foi muito rico em conhecimento tanto teórico, quanto prático nos entregou muito mais do que imaginávamos em seu período presencial, foi realmente transformador, mas faltou-nos essa continuidade de experiências vivenciais.

Abaixo apresentamos as disciplinas do referido curso e, a seguir, é o momento de discorrer sobre as aprendizagens que ficaram mais destacadas em algumas das disciplinas cursadas, incluindo aí a disciplina Oficina de Mandalas Terapêuticas a qual será tratada com mais profundidade.

O curso de Especialização em Arteterapia, oferecido pela Faculdade Plus, está dividido em 17 disciplinas, mais o estágio supervisionado I e II e a produção do artigo/portfólio perfazendo um total de 20 disciplinas. São elas:

- 1) Fundamentos da arte e história da arte
- 2) Fundamentos da arte e processos criativos
- 3) Fundamentos e linguagens da arteterapia
- 4) Fundamentos da arteterapia e diversas linguagens
- 5) Fundamentos psicológicos e Jung e tipos psicológicos
- 6) Fundamentos da arte: artes plásticas
- 7) Fundamentos psicológicos psicologia social
- 8) Arte e filosofia na arteterapia

- 9) Ciclos do desenvolvimento humano infância e adolescência
- 10) Oficina de mandalas terapêuticas
- 11) Fundamentos e linguagens da arteterapia vivências grupais
- 12) Oficina de danças circulares
- 13) Psicopatologia em arteterapia
- 14) Supervisão do estágio
- 15) Fundamentos psicológicos, saúde mental e arteterapia
- 16) Supervisão do estágio i
- 17) Supervisão do estágio ii
- 18) Fundamentos psicológicos psicossocial
- 19) Ciclo da vida – terceira idade
- 20) Artigo/portfólio

E a partir de agora, iremos discorrer sobre algumas delas e as vivências e aprendizagens alcançadas.

2.2 Arteterapia em conceito e vivência

Conceituar a Arteterapia é essencial para a compreensão deste trabalho. Assim, antes de discorrer sobre os aprendizados, é necessário refletir sobre o assunto. No primeiro encontro, o próprio Professor Rabelo, coordenadora do curso, como já dissemos, trouxe-nos a seguinte definição:



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 8- Definição da Arteterapia

Mas para não ficar apenas nesta descrição sobre a Arteterapia, traremos a seguir a explicação do termo, retirado do site da União Brasileira de Arteterapia (UBAAT) uma definição mais completa a qual será analisada por partes, uma vez que ela é bem extensa, além de ser muito interessante fazer a análise desta definição à luz dos conhecimentos adquiridos no curso. Assim, segundo a UBAAT (2021, on-line), a Arteterapia:

(...) é o uso da arte como base de um processo terapêutico, propicia resultados em um breve espaço de tempo. Visa estimular o crescimento interior, abrir novos horizontes e ampliar a consciência do indivíduo sobre si e sobre sua existência. Utiliza a expressão simbólica, de forma espontânea, sem preocupar-se com a estética, através

de modalidades expressivas como: pintura; modelagem; colagem; desenho; tecelagem; expressão corporal; sons; músicas; criação de personagens, dentre outras, mas utiliza fundamentalmente as artes visuais.

Sobre o parágrafo acima, já podemos fazer referências às disciplinas cursadas, pois logo no início do curso, fomos apresentados a esta definição através da disciplina de **Fundamentos da Arte e História da Arte**, ministradas pela Professora Euda Sousa, com formação em Artes Visuais, que nos expôs a conhecimentos sobre arte, estética, autores e artistas importantes e suas intervenções, e nos proporcionou momentos de vivências e imersões marcantes na memória. Só reforçando que aquilo que experimentamos pelos sentidos, participando ativamente, fica marcado para sempre! Ainda de acordo UBAAT (2021, on-line):

Enquanto a Arte Educação ensina arte, a arteterapia possui a finalidade de propiciar mudanças psíquicas, assim como a expansão da consciência, a reconciliação de conflitos emocionais, o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal. A arteterapia tem também o objetivo de facilitar a resolução de conflitos interiores e o desenvolvimento da personalidade.

Também com ela vivenciamos a disciplina **Fundamentos da Arte: Artes Plásticas**. Nestas referidas disciplinas, tivemos a oportunidade de sentir na prática o que a definição acima nos expõe. Foram diversas experiências estéticas, conhecemos sobre a pintora e escultora brasileira Lygia Clark, uma mulher além de seu tempo, e expressiva artista da Arte Contemporânea tanto no Brasil como de forma internacional.

Há grande associação de Lygia à Arteterapia, uma vez que seu trabalho tinha como objetivo a integração do público, “a quebra de paradigmas e sobre a relação arte e vida” (ALMEIDA E DALE, ON-LINE).

Ainda nestas disciplinas, a professora Euda nos trouxe referências para estudos (Freud, Jung, Gestalt) como também referências para pesquisas em Arte e Arteterapia como as autoras Angela Filipini (Clínica Pomar) e Fabíola Gaspar (NAPE-Núcleo de Arte e Educação), como também para a própria arte, através de Ana Mae Barbosa (que criou o que se chama Abordagem Triangular para o ensino de artes), sendo elas grandes colaboradoras destas áreas atualmente no Brasil.

Em nosso mergulho nestas disciplinas, conhecemos sobre a linha do tempo da história da arte:



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 9- Registro de atividade em aula presencial

E percorremos nosso próprio percurso de linha do tempo de nossa vida:



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 10- Registro de atividade em aula presencial

Depois construímos juntos um percurso que nos unia, pois foi composto a muitas mãos cada uma preenchendo um espaço...



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 11- Registro de atividade em aula presencial

Resultando neste belíssimo quadro expressivo que ainda estava só no começo, pois na próxima aula...



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 12- Registro de atividade em aula presencial

Eis que algo vai surgindo em meio às cores e fragmentos...



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 13- Registro de atividade em aula presencial

Novamente, todos vão reconstruindo os percursos...



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 14- Registro de atividade em aula presencial

E o que antes era sem cor e disforme surge como um caleidoscópio decore, onde o que importa não é a parte, mas o todo. Onde não existe feio ou bonito, mas tudo se integra, mesmo depois de desintegrado.



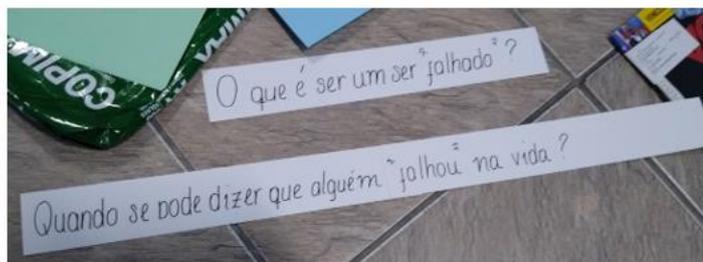
Fonte: arquivo da autora

FIGURA 15- Registro de atividade em aula presencial

O relato que acompanha as fotos acima, é parte das análises que nasceram nesta aula. Assim como deve ocorrer no processo de atendimento no Ateliê Arteterapêutico, sempre ao final de cada vivência havia um grande debate, ou melhor dizendo, era permitido a expressão por meio das palavras do que foi sentido durante as vivências. Eram momentos de grandes silêncios, grandes lacunas, mas também muitas respostas, partilhas, sensibilidade, acolhimento e desenvolvimento.

Como pode-se ver, desde o início das aulas tivemos um percurso de aprendizado profundo e transformador, só aumentando nosso amor pela Arteterapia, que já era latente, tornando-o escancaradamente aberto!

Como dissemos no início, outra disciplina marcante, ministrada pela professora Euda foi a de **Fundamentos da Arte: Artes Plásticas**. Nela pudemos passar por mais experiências através de diversos materiais, vivências corporais e emocionais, provocativas com as das questões abaixo que nos foi lançada:



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 16- Registro de atividade em aula presencial

Tal questionamento só poderia ser respondido de maneira inusitada, claro, sem palavras, pois existem outros meios com que se expressar e neste caso a arte colagem, fez-se ferramenta de comunicação.



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 17- Registro de atividade em aula presencial

Ainda na exploração da criatividade dentro da arte, fomos orientados a, coletivamente, participar da confecção de uma mandala (olha ela novamente!).



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 18- Registro de atividade em aula presencial

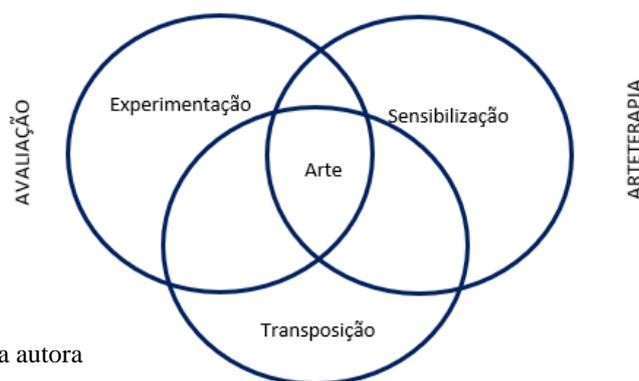


Fonte: arquivo da autora

FIGURA 19- Registro de atividade em aula presencial

Ao final refletimos sobre algo muito importante: o quanto gostamos de manter as coisas sob controle, querendo organizar, comandar. A atividade acima não permitia isso, cada um coloria aonde queria. Na análise, muitos se sentiram irritados, invadidos, possuidores do produto final e outra série de sentimentos foram se descortinando nesta atividade para depois serem confrontados.

Neste momento e em muitos outros a professora fazia questão de reforçar que aquilo que sentíamos na pele e através dos outros sentidos era uma vivência arteterapêutica, uma vez que, através destas experiências estamos passando pelo processo abaixo:



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 20- O processo arteterapêutico

Nas demais disciplinas estudamos e nos aprofundamos no sentido de “terapia” desta especialização. A Arteterapia como algo que ajuda o outro, com ferramentas e técnicas próprias, mas adquiridas das artes: visuais, plásticas, literárias, cênicas, etc., e da ciência, buscando que a pessoa encontre a linha que se rompeu dentro de si mesma e busque uma ressignificação de sua situação atual para dar sequência a sua vida de maneira ativa e saudável.

Estudamos as instituições sociais, a família, a escola, a religião, e seu cunho facilitador da recuperação ou promotor de desvios e alienações.

Nos debruçamos em diversos momentos sobre a Psicologia, ciência esta que deve estar na base de conhecimento do arteterapeuta, uma vez que estuda a sociedade e a inserção dos indivíduos nas suas várias esferas, os estados mentais, emocionais saudáveis e adoecidos e também tomamos conhecimento da Psiquiatria como vilã em muitos casos passados como bem registra a história.

Neste âmbito, cabe muito bem citar nossos estudos sobre Nise da Silveira abordados em mais de uma das disciplinas e de Jung. Estes dois, em seus trabalhos com pessoas mentalmente adoecidas, com suas pesquisas sobre as representações expressivas, posteriormente tidas também como representações artísticas, muitas delas expressas através de desenhos de mandalas, aguçaram a nossa curiosidade, sendo, portanto, a continuidade deste trabalho um estudo mais acurado e aprofundado destas representações.

3 AS MANDALAS E SEU PODER TERAPÊUTICO

Nessa seção apresentamos o motivo da escolha das Mandalas; O que são Mandalas; As mandalas e o inconsciente: terapia e expressividade; A contribuição de Nise da Silveira e o Museu do Inconsciente e a Oficina de mandalas terapêuticas;

3.1 A escolha

Se você acompanhou bem todo este relato percebeu como, de forma muito natural, as mandalas surgiram por todo o percurso, mas existiu um ponto planejado no curso em que este tema foi estudado de forma mais aprofundada que foi na disciplina Oficinas de Mandalas Terapêuticas, através do Professor Pedro Júnior.

Nestas aulas conhecemos sobre as mandalas, sua história, sua representatividade, seu surgimento nos mais diversos momentos históricos da humanidade e a sua presença até os dias de hoje, seja de maneira natural (na natureza e em quase tudo que nos cerca) ou de maneira concreta, seja através da criação proposital do homem em um projeto artístico ou espontaneamente surgida em alguma intervenção terapêutica.

O fato é que por todos estes aspectos, nos pareceu estimulante aprofundarmos nossos estudos neste tema, trazendo aqui, uma pesquisa bibliográfica mais detalhada, porém que não se esgota neste trabalho, dado os muitos vieses que o assunto pode tomar.

3.2 O que são Mandalas

Esperando contemplar o público leitor que pode não estar muito familiarizado com este assunto, iniciaremos trazendo uma definição captada após as várias leituras dentro do referencial teórico. “A mandala é uma forma circular, porém não é só isso, ela é composta de outras formas variadas, que se conectam, mas não se confundem, ela é tida ainda como mágica e encontramos esta referência em um livro científico.” (JUNG&WILHELM, 1984, p.30)

De acordo com Fioravanti (2007, p. 7), “o nome mandala faz pensar em energia, em algo misterioso, o que provoca uma atração universal pelas mandalas”. Aquilo que nos cerca que tem forma circular nos lembra mandalas: o sol, a lua, uma fruta e o que dizer de algumas sementes? E o que são as sementes senão pura energia criadora, pulsante querendo gerar vida. Por falar em vida, o próprio óvulo da mulher tem o formato da mandala, as células do corpo também.

As mandalas são resistentes e atravessam o tempo, na verdade, são atemporais, sempre inspirando os homens que as reproduziam (sem consciência disto) desde os tempos pré-históricos ao representar suas tradições, seus encontros em rodas, herança de muitos povos, como os indígenas (relembre agora como é a configuração de uma tribo indígena), e suas tradições.

Mas voltando às mandalas em si, há algumas coisas que sempre estão presentes, como a forma circular, o ponto central e a repetição de formas simétricas. Há ainda detalhes que se preservam na construção de uma mandala, como o fato de o desenho sempre partir do centro e a partir dele são feitos os demais desenhos, como dito antes simétricos que evoluem de forma crescente.

Os simbolismos de cada uma das partes que constituem o desenho de uma mandala é interessante. Mesmo que o criador de uma mandala não tenha consciência daquilo que

faz, ele coloca em sua criação elementos simbólicos ancestrais. Ao desenhar uma mandala, criamos algo sagrado. (FIORAVANTI, 2007, p. 7)

Algumas pessoas da nossa história recente estudaram as mandalas, foram eles o Psiquiatra Jung e a Terapeuta Ocupacional Nise da Silveira. Ambos perceberam a grande comunicação entre o consciente e o inconsciente na produção das mandalas, bem como a união dos processos internos antes desagregados de quem a produz.

Uma mandala é a reunião de diversas ciências e mistérios. Observa-se na composição de uma mandala a geometria das formas que a compõe, a numerologia quantificada nas formas diversas que são criadas dentro de seu círculo, as simbologias pré-existentes, as cores e sua representatividade própria. Tudo isto, dentro de um círculo que contém toda a energia deste processo, delimitando o espaço de fora (profano) e o espaço de dentro (sagrado).

Difundidas no Oriente, nas tradições hinduístas, budistas e tibetanas, mas também presentes no ocidente, onde encontramos relatos a partir da baixa Idade Média, através dos cristãos. “Em geral, o Cristo é figurado no centro e os quatro evangelistas ou seus símbolos, nos pontos cardeais” (JUNG&WILHELM, 1984, p. 30), tais referências são à ordem em que estão e que é associada ao formato circular das mandalas.

3.3 As mandalas e o inconsciente: terapia e expressividade

Jung foi um Psiquiatra e pesquisador que criou a Psicologia Analítica e desenvolveu conceitos interessantes ao nosso estudo como o dos arquétipos do inconsciente coletivo. Ele estudou profundamente as mandalas (citado por ele como “os mandalas”), inclusive em seus pacientes e em pacientes de outros médicos (como os da Dra. Nise da Silveira).

Em seus estudos ele descreve que:

A maioria das, mandalas tem a forma de uma flor, de uma cruz ou roda, tendendo nitidamente para o quaternio, o que lembra o número básico: a tetraktys pitagórica. Entre os índios Pueblo os mandalas são desenhados na areia, para uso ritual¹⁵. "Entretanto, os mandalas mais belos são os do budismo tibetano. Os símbolos de nosso texto acham-se representados nesses mandalas. Encontrei também desenhos mandálicos entre doentes mentais, entre pessoas que certamente não tinham qualquer ideia das conexões aqui mencionadas. (JUNG&WILHELM, 1984, p. 31)

Jung acreditava em algo que já existe antes de nós existirmos e que vai passando de geração em geração por toda a humanidade, são os arquétipos e ele associa estes aos estudos que faz de seus pacientes e das representações através das mandalas:

Quando meus pacientes projetam tais imagens, não o fazem sob sugestão; elas ocorriam muito antes que eu conhecesse seu significado ou suas relações com as práticas do Oriente. Essas imagens brotam espontaneamente de duas fontes. Uma delas é o inconsciente, que produz de modo natural fantasias dessa espécie. A outra fonte é a vida que, quando vivida com plena devoção, proporciona um pressentimento do si - mesmo, da própria essência individual. Ao expressar-se esta última nos desenhos, o inconsciente reforça a atitude de devoção à vida. De acordo com a concepção oriental, o símbolo mandálico não é apenas expressão, mas também

atuação. Ele atua sobre seu próprio autor. Oculta-se neste símbolo uma antiquíssima atuação mágica, cuja origem é o "círculo de proteção", ou "círculo encantado", cuja magia foi preservada em numerosos costumes populares. (JUNG&WILHELM, 1984, p. 31)

Jung fez, também, muitos estudos da cultura oriental e chegou à grandes conclusões sobre a importância das mandalas como facilitadoras de representações do inconsciente e de cura através de sua expressão através delas, como podemos ver abaixo:

Um monge tibetano disse uma vez ao Dr. Jung que as mandalas mais impressionantes do Tibet são concebidas pela imaginação, ou pela fantasia dirigida, quando o equilíbrio psicológico do grupo está perturbado ou quando um determinado pensamento não pôde ser expresso por não estar contido ainda na sagrada doutrina, sendo preciso, primeiro, encontrá-lo. (JUNG, 1969, p. 220)

E o mais interessante a nós Arteterapeutas neste discurso é quando ele traz que ao nos expressarmos a través da mandala, isto nos serve a um propósito conservador, ou seja, ela tem o poder de reestabelecer uma ordem preexistente, mas também “serve também ao propósito criador de dar forma e expressão a alguma coisa que ainda não existe, algo de novo e único.” (JUNG 1969, p. 220).

3.4 Nise da Silveira e o Museu do Inconsciente

Nise tem uma história incrível quando se trata de tratamentos a pessoas com transtornos mentais no Brasil. Tudo começou quando assumiu o trabalho de Terapeuta Ocupacional no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro (agora denominado o Instituto Municipal Nise da Silveira-IMNS). Lá sofreu dos médicos todos homens, diversos preconceitos, porém resistiu e mais que isso, mostrou que podia modificar a vida de pessoas, para além de medicamentos ou de tratamentos que hoje são tidos como desumanos, mas que já foram aceitos. Quanto a isto podemos entender que:

O Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS), por sua vez, constituiu o mais importante lugar de trabalho de Nise da Silveira durante a maior parte de sua carreira profissional, entre 1944 e 1975, como funcionária pública vinculada à Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR). Nesse âmbito, ficou conhecida por combater práticas biomédicas que considerava violentas (eletrochoque, lobotomia, insulinoterapia etc),¹ ofertando em troca atividades expressivas como forma de tratamento para as então chamadas doenças mentais (sobretudo a pintura e a modelagem). A partir desse trabalho, desenvolvido principalmente com base no referencial teórico da psicologia junguiana, passou a agregar uma gama de atores interessada na transformação do modelo vigente de saúde mental. (MAGALDI, 2019, p. 637)

Assim, enfrentando não só pessoas, mas como também escassez de recursos, ela conseguiu inserir um tratamento humanizado aos pacientes psiquiátricos, que além de resgatar o ser humano, foi terapêutico e transformador.

Mesmo com poucas condições materiais e apesar do pouco apoio que recebeu de seus colegas médicos, ela inicia seu trabalho e propõe a intervenção através de materiais como tintas e argilas, tudo é novo, porém após muito esforço, ela mesma se surpreende com os resultados,

com o que vê de produção intuitiva e livre de seus pacientes e, principalmente, como esta produção fazia bem aos doentes, restituindo-lhes a calma e, em muitos casos, o restabelecimento de sua saúde, o que possibilitava seu retorno à família e à sociedade.



Fonte: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/arte-e-psiquiatria/>

FIGURA 21- Atendimento aos pacientes de Nise da Silveira

Como estudiosa, ela encontra elo entre o que vê e o que estuda do Dr. Jung, logo então começa a trocar correspondências nas quais relata seu trabalho e as produções dos pacientes.

Nesta troca riquíssima de pessoas tão distantes e tão diferentes, nasce uma relação que nunca poderia ser imaginada, só reafirmando a importância do trabalho de ambos diante do inconsciente.

Nise compreendeu tanto as ideias de Jung que decidiu, também, transformar em livro a história de Jung, por base de suas próprias pesquisas (NISE, 1981), criando assim uma rica biografia que merece ser lida não só por seu conteúdo, mas para compreender Jung por um ponto de vista desta brasileira.

3.5 Oficina de mandalas terapêuticas

Quem nos trouxe de forma mais prática e profunda os estudos sobre as mandalas, dentro do nosso curso, foi o Professor Pedro Júnior, através da Oficina de mandalas terapêuticas.

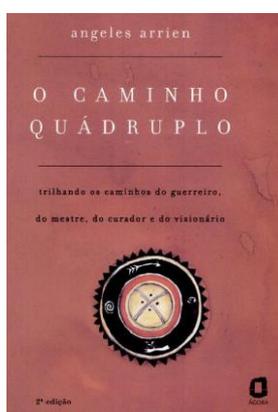


Fonte: arquivo da autora

FIGURA 22- Definição de Mandala

Em nosso primeiro encontro ele nos trouxe a história ancestral, inclusive fazendo grande referência a nossa cultura indígena. Trouxe-nos em seus relatos a história de Jung e seus estudos “dos” mandalas, como ele chamava, ressaltando que Jung não via apenas a referência aos desenhos contidos nas mandalas, mas também seu caráter circular, que como ele associa, presente em diversas construções arquitetônicas de instituições como igrejas, prisões, escolas e conventos.

Neste primeiro encontro o professor nos sugeriu vídeos onde poderíamos aprender a construir uma mandala, ou seja, com orientações precisas da técnica. Já em nosso segundo encontro aprendemos algo novo, mais relacionado à ancestralidade das mandalas que foi o “Caminho Quádruplo” (Vide foto abaixo).



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 23- Capa do livro O Caminho Quádruplo

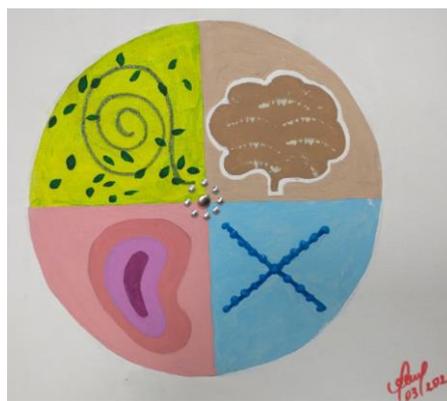
Com base neste livro, estudamos o caminho do Guerreiro, do Curador, do Mestre e do Visionário.

Conforme explicado pelo professor, o “Caminho Quádruplo” é um conhecimento que nos ajuda a viver em harmonia e equilíbrio com o meio e a própria natureza interior.

Nas leituras complementares da aula encontramos trechos ricos sobre estes arquétipos como o trecho abaixo sobre o arquétipo do Guerreiro:

Esse aspecto da responsabilidade é “disciplina”. Disciplina é o processo de encarar a vida de frente e agir sem precipitação. De fato, esse termo significa “ser discípulo de si mesmo”. Quando somos discípulo de nós mesmos, horamos nosso próprio ritmo, nosso “ir-passo-a-passo” natural. Tendemos a perder o rumo quando temos muito ou pouco a fazer. Esses períodos devem nos servir de lembretes para caminharmos com disciplina, e nos movermos não com imprudência, mas passo a passo. (ARRIEN, 1993, p. 22)

Como resultado desta disciplina fomos instigados a criar nossa própria mandala (vide foto abaixo), que contemplasse os quatro arquétipos e explicá-las. Foi uma atividade reveladora do quanto somos inconscientes de nós mesmos. Conhecer a si mesmo é uma dádiva e vai nos fazendo evoluir nessa jornada chamada vida.



Fonte: arquivo da autora

FIGURA 24- Mandala com base nos arquétipos

4 ESTRATÉGIAS POSTERIORES

Neste intervalo de tempo entre o início do curso e a pandemia, muito coisa mudou. Esta, muito afetou a vida de todos. No início a ideia era fazer uso deste conhecimento nos atendimentos psicopedagógicos, porém, no atual momento em que estas linhas são escritas, já se passaram quase dois anos e agora, a estratégia a que recorreremos é incorporar os conhecimentos adquiridos no curso à proposta atual de trabalho empreendedor na área de brinquedos educativos e de ensino de artesanato criativo para outras pessoas.

Este também é um espaço que dialoga com a Arteterapia, não no sentido intencional, uma vez que são coisas bem distintas, porém nas aulas no nosso curso de costura criativa há sempre uma consciência de que fazer o brinquedo, é uma terapia artística onde o aluno dialoga com as peças que irá compor seu trabalho, contempla, manipula, resolve questões que aparecem, concluem, observam e analisam sua produção.

Assim, como as mandalas que estão presentes na natureza, a arteterapia será presente em nossa vida agora como arteterapeutas (quase lá!) em diversas situações em que podemos construir, nos envolver em algo artístico. Sem perceber, sem intenção nenhuma, laços internos vão sendo desatados e novas estruturas mentais vão sendo formadas.

A arteterapia estará sempre presente em nossos trabalhos e aulas, de uma maneira sutil, mas que ajudará na busca de bons resultados para nossas alunas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui nesta etapa final, ensejamos resgatar de maneira sucinta, os conhecimentos adquiridos, tornar a refletir sobre as vivências que fizeram parte destes momentos, sobre o próprio momento em que de maneira totalmente inimaginável tivemos que encarar.

Além da curiosidade em aprofundar o assunto, este estudo ensejou o desejo, também, de explorar o assunto Mandalas terapêuticas, a fim de colaborar de alguma maneira na formação de outros arteterapeutas, bem como ampliar o conhecimento de todos que se interessarem pelo assunto.

Este curso conclui-se, assim, como muitos outros pelo Brasil, de maneira muito peculiar em mais de um ano de novas estratégias. Não se pode afirmar que foi incompleto, porém, deixou no ar a ideia de que poderia ter sido melhor, pois nos foi roubada a chance das vivências profundas em grupo. Sabemos que isto não foi só para nós, foi para o mundo.

Ninguém estava preparado para o que aconteceu, então neste momento somos privilegiados, pois vivemos e sobrevivemos. Não só com a vida biológica, mas com a vida psicológica, com aquele velho e bom instinto de sobrevivência que nos impulsiona a ir cada vez mais longe, a levantar mesmo após a queda.

Tivemos ótimas fontes de conhecimentos através de disciplinas conceituais e práticas, professores empenhados, aulas focadas em uma formação de qualidade para oferecer à sociedade profissionais que estivessem preparados para agir e promover reconstruções através da arte.

Podemos mesmo afirmar que os conhecimentos que internalizamos da Arteterapia foram fortalecedores, regeneradores e reconstrutores de nossas capacidades. Fica, portanto, o conhecimento, as superações e as lições teóricas e práticas deste curso que nos preparou como os próximos arteterapeutas formados pela Plus para oferecer algo de muito bom à sociedade.

REFERÊNCIAS

CLARCK, L. Almeida e Dale. Disponível em:

<<https://www.almeidaedale.com.br/pt/artistas/lygia-clark>> , acesso em: 20 jul. 2021.

FIERZ, H.K. **Psiquiatria Junguiana**. São Paulo: Paulus, 1997.

FIORAVANTI, C. **Mandalas**: como usar a energia dos desenhos sagrados. São Paulo: Pensamento, 2007

MAGALDI, F. **Das memórias de Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro**. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/BJkYhRrZRjXKKgjLDZzTtCz/?lang=pt&format=pdf>>, acesso em: 21 jul. 2021.

JUNG C. G., WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro**. Petrópolis: Vozes, 2ª. ed. 1984.

_____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 5ª. ed. 1969

REZENDE, M. A. R. A relação pedagógica e a avaliação no espelho do portfólio: memórias docentes e discentes. 2010. vi, 278 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-87YPQC>> , acesso em: 19 maio 2021.

SILVEIRA, N. da. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 7ª ed.

ZANELATO, J. R. O Portfólio como instrumento de avaliação no ensino de graduação em Artes Visuais. Campinas, 2008. **Dissertação (Mestrado)**. Curso de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp043379.pdf>>, acesso em: 19 maio 2021.